

Voando às CEEGAS

Quando o piloto leva um tiro em pleno ar, quem pousará o avião?

POR LEE MAYNARD

ERA FIM DE TARDE de uma sexta-feira de abril. Clay Center, Kansas, população de 4.600 habitantes, cidade com apenas cinco sinais de trânsito. As pessoas voltavam para casa

depois do trabalho. O sol ainda pairava quente sobre as plantações de trigo, a luz cada vez mais fraca.

O xerife Chuck Dunn dirigia em sua viatura quando viu Michael Michaud numa caminhonete antiga que havia sido pintada com uma estranha cor prateada. A caminhonete fez uma curva devagar e sumiu no fim da rua. Michaud, 28 anos, homem forte, com

1,87 m e 105 kg, tinha ficha criminal e várias detenções relacionadas a drogas. Dunn deduziu que a parte rotineira da noite havia acabado. Pelo rádio, investigou o veículo e a placa: não conferiam.

MIKE SPICER, amigo de Dunn, estava chegando em casa. Spicer era coordenador do aeroporto local. Tendo aprendido com o pai, desde menino pilotava aviões, e uma vez havia estourado a janela de uma aeronave enquanto fazia acrobacias aéreas.

Spicer, que também era funcionário municipal, e sua mulher, Pam, iriam naquela noite à feira da Casa



Presbiteriana de Clay Center, cuja renda beneficiaria os idosos internos. Pam já estava vestida, mas Spicer trabalhara até tarde e ainda não tinha mudado a calça, o casaco de capuz e o boné preto com as letras API (Aircraft Parts International) que sempre usava. Não havia muito tempo para se arrumar.

DUNN COMEÇOU A seguir a caminhonete de Michaud. Não estava muito preocupado. Michaud era um sujeito conhecido na cidade, vagabundo, mas não exatamente perigoso. O crime era apenas uma placa ilegal. Problema rotineiro. Dunn ligou as luzes e a sirene da viatura.

A caminhonete prateada não pa-

E recorreu a sua arma secreta: Mike Spicer e seu avião. Na planície dos campos, tudo seria visível do alto. Mike não era policial, mas era amigo, e Dunn sabia que ele o ajudaria.

O TELEFONE DE SPICER TOCOU. Era o assistente do xerife perguntando se ele podia pegar seu Cessna e ajudar Dunn a localizar um suspeito em fuga. Sete policiais já o procuravam por terra, e outros estavam a caminho. Spicer ainda nem havia tirado o boné. Consultou o antigo relógio na parede. Os ponteiros indicavam 17h32. O jantar era às 18h. Mas Spicer não titubeou. Dava para ver o aeroporto de sua casa. Estaria no ar em poucos minutos.

Apenas 15 aviões ficam no Aeroporto Municipal de Clay Center; entre ele, o de Spicer, um pequeno

A bala atravessou o vidro do

rou. Continuou serpenteando pelo trânsito, para fora da cidade. Quando chegou à divisa municipal, acelerou em sentido sul. Dunn se manteve no seu encaixo, os veículos avançando por uma estrada de terra estreita. Após alguns quilômetros, a caminhonete virou para o leste, passou pela abertura de uma cerca e seguiu para uma plantação de trigo, transpondo terrenos e rompendo cercas elétricas.

Dunn parou a viatura. Não a arriscaria por uma placa falsa. Pediu reforço para ajudá-lo a encurralar o suspeito.

Cessna 150, cujo motor ele agora aquecia na cabeceira da única pista do aeroporto. Pouco antes da decolagem, seu celular tocou.

Era Arnie Knoettgen, prefeito de uma cidade vizinha chamada Morganville, que também trabalhava para a polícia municipal. Ele tinha ouvido pelo rádio o pedido de ajuda do xerife Dunn e se oferecia para acompanhar Spicer. Pediu que esperasse por ele. Já estava a caminho.

Instantes depois, ainda trazendo o rádio da polícia, Knoettgen se acomodava no banco do passageiro da apertada cabine. Com os homens

Os amigos (em sentido horário) Mike Spicer, Arnie Knoettgen e Chuck Dunn de volta à pista daquele dia fatídico.



vião e atingiu a testa do piloto.

sentados um ao lado do outro, o avião levantou vôo e se dirigiu para o sul.

Em pouco tempo, sobrevoavam plantações de trigo e bosques, seguindo as coordenadas que lhes haviam sido dadas. No chão, avistaram os carros policiais trilhando estradas de terra. Aquele deveria ser o local.

Spicer puxou a aba do boné da API para proteger os olhos dos raios do sol que se punha.

- Vamos nos aproximar - avisou.

- A caminhonete está logo à frente - disse Knoettgen.

Agora o veículo prateado se encontrava num pequeno barranco


bem embaixo deles, a porta aberta. Talvez passasse despercebido no nível do chão, mas não do alto.

Pelo rádio, Knoettgen contactou o xerife, e Dunn, agora a pé, dirigiu-se sozinho ao local.

Presumindo que a caminhonete fora abandonada, Spicer aumentou a área da busca. Sobrevoando uma fileira de árvores na extremidade do campo, viu o que parecia ser um saco amarelo em meio ao trigo verde.

"Quero conferir uma coisa", disse para Knoettgen.

Spicer virou o avião e, ao observar direito, deu-se conta de que o sa-



Spicer ao lado do buraco de bala que o atingiu enquanto perseguia um suspeito.

co era na verdade um homem deitado de bruços no trigo. *É ele*, pensou.

“Avisar a eles que vou indicar a localização do fugitivo com a ponta da asa.” Então, inclinando bastante o avião, Spicer apontou a asa direita para o local, cerca de 100 m abaixo.

Knoettgen mais uma vez entrou em contato com o xerife. Dunn viu o movimento brusco do avião inclinado e saiu correndo pelo campo.

Spicer estava sobrevoando o suspeito pela quarta vez, com a asa direita apontada para o chão. Voando assim, baixo, não há lugar para erro do piloto, que, se não conseguir manter o controle, pode deixar o avião perder força e cair.

Foi nesse momento, segundo o xerife Dunn, que Michael Michaud, deitado na plantação de trigo, deve ter rolado no chão, apontado um revólver de grosso calibre e disparado contra o avião.

É quase impossível, para qualquer pessoa que não seja exímia atiradora, acertar um alvo em movimento, a distância, com um revólver. Por um extraordinário golpe de sorte do atirador, o tiro atingiu o avião.

KNOETTGEN NÃO OUVIU nem sentiu nada quando a bala estourou o vidro a poucos centímetros de sua cabeça. Estava ileso. Mas o projétil de chumbo jogou vidro na cabine e no rosto de Spicer. A bala o atingiu acima do olho esquerdo, quebrando a aba do boné e rasgando a tira de forro, arrancando-o de sua cabeça. Abriu um corte de 15 cm em sua testa, lançando fragmentos de pele no teto do avião, e saiu pela janela com um grande estalo.

Spicer ouviu o estalo, mas não fazia idéia de que havia sido atingido.

Estourei outra janela, foi o que pensou. Virou-se para a esquerda. A

janela ainda estava ali, e Spicer viu o buraco da bala. Foi quando perdeu a visão do olho esquerdo. O sangue descia pelo seu rosto. Ele pôs a mão na cabeça. O sangue era tanto que cobria os óculos e ensopava o casaco. Spicer não sentia nada. Apenas uma estranha confusão de memórias e a certeza de que, se era a sua hora de morrer, ele estava pronto.

Mas Knoettgen não sabia pilotar. Se Spicer perdesse a consciência, o amigo morreria. Spicer procurou se concentrar na cabine de controle. “Arnie, eu estou ferido.”

Aos berros, Knoettgen comunicou pelo rádio que Spicer tinha sido baleado. Então ouviu dois outros estampidos. E pegou o manche.

Abaixo deles, Dunn observava o avião se inclinar muito. Temeu que fosse cair.

NO PEQUENO CESSNA de Spicer, o manche fica praticamente no colo do piloto. Quando é empurrado, o avião desce. Se Spicer desmaiasse, o peso dele sobre o manche iria impelir a aeronave para baixo. Spicer ajustou o cinto de segurança. E Knoettgen segurava firme os controles.

Assim como o manche, o acelerador manual – uma haste com uma bola preta na ponta – fica no painel de instrumentos. Puxar o acelerador reduz a potência do motor. Spicer tentou localizá-lo. Com a visão embaçada, empurrou-o até o fundo, levando o avião ao seu limite.

Sob a pálida luz do fim da tarde, o Cessna ganhou velocidade. Agindo

em conjunto, os dois homens fizeram a curva e se puseram em direção ao aeroporto.

C

OM O CANTINHO dos olhos, Knoettgen via a cabeça de Spicer pender para a frente enquanto ele limpava o sangue do rosto com o casaco.

A que distância estariam do aeroporto? Seis, oito quilômetros no máximo. Knoettgen segurava o manche enquanto Spicer balbuciava algumas instruções.

Então Knoettgen ergueu os olhos e reconheceu a pista de asfalto deserta surgindo à frente. O Cessna se aproximava da pista em velocidade máxima. O motor fazia a cabine tremer.

EM TERRA, PELO RÁDIO da polícia, amigos ficaram sabendo do que tinha acontecido com Spicer e correram para o aeroporto. Viaturas e ambulâncias estavam no local. Um amigo de Spicer, Howard Van Dyke, levou um veículo do Corpo de Bombeiros.

Normalmente, na aterrissagem o piloto voa no sentido do vento, paralelamente à pista. Então vira à esquerda e, cortando o vento, avança para pousar. Quando o avião se aproxima, vira à esquerda de novo, coloca-se contra o vento, e inicia os procedimentos finais – alinhando-se com a pista, reduzindo a velocidade e descendo para a faixa de rodagem. Spicer e Knoettgen não tinham tem-

po para nada disso. De mãos juntas no manche, tomaram um ângulo que os levaria direto ao fim da pista.

Spicer puxou o acelerador, e o avião começou a descer.

ELES ESTAVAM a 30 metros do chão – com boa velocidade e boa altitude –, a pista logo adiante, e o avião rapidamente perdendo altura.

Knoettgen passava a mão na cabeça de Spicer, tentando tirar o sangue de seus olhos, e dava-lhe as coordenadas à medida que as rodas se aproximavam do chão. Spicer operava os controles. Juntos, eles formavam um único piloto.

O avião desceu certo e atingiu o asfalto, avançando veloz. Enfim, estavam na pista. Knoettgen olhou o velho amigo, tão firmemente preso pelo cinto de segurança que mal conseguia se mexer. “Pare aqui”, disse Knoettgen. E Spicer parou.

INSTANTES DEPOIS, Spicer era levado para a ambulância. Quando o veículo partiu com a sirene ligada, ele consultou o relógio. Eram 18h02,

apenas 30 minutos depois de ter olhado o relógio de casa.

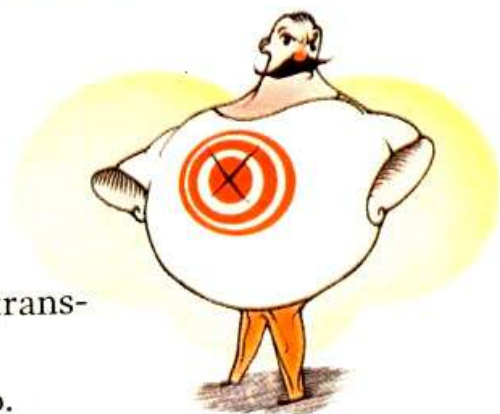
No hospital, o responsável pelas radiografias era um homem a quem ele havia ensinado a pilotar alguns anos antes. O cirurgião, o Dr. Duncan Davis, era um vizinho. O médico retirou estilhaços de vidro do rosto de Spicer e fechou o corte de 15 cm na testa. A bala não teve impacto sobre o osso. Caso contrário, o crânio talvez tivesse se partido. À exceção de uma cicatriz, não haveria nenhuma seqüela.

A polícia encontrou Michael Michaud escondido num galpão. Ele foi indiciado por seis crimes e está sob avaliação psiquiátrica.

OS PERITOS TIRARAM fotografias do avião e, no dia seguinte, Howard Van Dyke investigou a aeronave. Atrás da cabine, no compartimento de bagagens, havia um boné preto, a aba quebrada, a tira de forro rasgada na frente pela bala. Van Dyke sacudiu a cabeça ao ver o boné. A espessura da tira: a distância entre a vida e a morte.

CINCO FRASES QUE IRRITAM

1. Da última vez que o vi, você estava mais magro.
2. Vamos trabalhar este sábado para pôr tudo em dia.
3. Aquele bolo na geladeira era seu?
4. Só um minutinho que nós vamos estar transferindo o senhor para outro departamento.
5. Desculpe, senhor, o guichê está fechado.



GISELE S. SERRANO, São Gonçalo (RJ)

Faço cinema pelo prazer de contar as histórias que me instigam, e não para ganhar troféus.

FERNANDO MEIRELLES na Claudia

Se você consegue fazer alguma coisa com os olhos fechados, está na hora de tentar algo novo.

KATHIE LEE GIFFORD no USA Weekend

Meu pai sempre disse: “A instrução é a grande cura para a insegurança.”

HUGH JACKMAN em “O”

Ninguém se sai bem sem disponibilidade de tempo, vontade e persistência.

FÁTIMA BERNARDES



O bom gosto é inimigo da comédia.

MEL BROOKS no New York Daily News

Normalmente a pessoa certa está onde não estamos procurando.

MÔNICA MARTELLI

Não sei cantar, dançar ou atuar. O que mais eu poderia ser senão apresentador de um programa de entrevistas?

DAVID LETTERMAN

QUEM DISSE?

Educar e ser educado é uma alegria.

- a) Glória Maria
- b) Regina Casé
- c) Renato Aragão

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

Quer saber por que Eva comeu a maçã? Porque ela não tinha nenhuma amiga com quem falar mal do Adão. Aí, apareceu aquela cobrinha simpática oferecendo uma maçã...

INGRID GUIMARÃES em Nova

Há situações na vida em que receber é melhor do que dar – **massagem é uma delas.**

AL MICHAELS

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas famosas contemporâneas (página 14).